



O professor, muitas vezes, não consegue levar à cabo seu trabalho por algumas contingências que dificultam o uso de métodos e técnicas de ensino nas escolas públicas. Muitas vezes, o professor se torna “máquinas funcionais” a todo o vapor numa corrente sofrida de planos de aula – elaboração e avaliação de provas, trabalhos numa exaustiva carga horária semanal que se aproxima dos modelos fabril do século passado, quando a máquina operava a produção fabril de forma complexa e repetitiva dada a revolução industrial que se presidiu no século XIX. Nesse contexto histórico, a máquina era a força produtiva de bens e riqueza.

O trabalhador, mal pago e assistido, vivia num sistema que escravizava o sujeito e se fazia comum propalar a ideia de que o trabalho viria em primeiro plano e nada mais além de que “você vale aquilo que produz em seu trabalho”.

Não raro, em dias atuais tem-se visto as escolas publicas se assemelharem às fábricas dos “Tempos Modernos”. Observa-se que muitos professores trabalham com uma carga horária elevada e baixos rendimentos salariais. Isso sobrecarrega o profissional e o distancia das reais condições que deveriam ser criadas e asseguradas ao professor. Vivenciamos no país uma política frágil na qual o professor não tem tido condições para realizar seu ofício de forma digna e produtiva tanto na forma quanto no conteúdo.

O trabalho é valorizado, não o trabalhador. É comum ouvirmos dizer nos corredores das escolas publicas estaduais de Pirenópolis que “os professores estão *sucateados* junto com as escolas públicas”. E ainda, “o que ainda se faz é por amor à docência não por relações de trabalho satisfatórias”. Não raro, ouvimos de professores explicações do tipo:

Ainda estou nesse ofício por amor, não por dinheiro (...).

O que me preocupa são esses jovens que não estão na escola e que não são protegidos nas ruas, largados à própria sorte (...).

Tento garantir o mínimo de cidadania a esses jovens. Preocupo-me com o que podem ser no futuro (...).

Já estou cansado. Já fiz o que poderia ter feito. Agora é com eles (jovens alunos das Escolas Públicas Estaduais Pirenopolinas).

Nesse contexto, falamos de “solidão educacional” tanto do professor quanto do aluno. Estamos na Escola, mas não sabemos ao certo de quando e como alcançamos nosso aluno ávido por conhecer e garantir um “lugar ao sol” num futuro próximo que o espera “lá fora dos portões da escola”.

De forma empírica e observacional, é fácil diagnosticar o estado caótico do sistema publico de ensino na cidade de Pirenópolis. Uma volta pela cidade é capaz de mostrar

tais desequilíbrios tanto na estrutura física quanto na acadêmica e pedagógica nas unidades de ensino. Escolas, professores, alunos estão à deriva num sistema educacional que não prioriza o professor e o aluno, àqueles que mantem e faz existir o processo educacional local. Há um descaso educacional que paira em “berço esplêndido” nos *4 cantos* do Estado de Goiás.

### **Algumas reflexões durante o Estágio Supervisionado na Escola – Campo:**

Atualmente, existe na cidade de Pirenópolis – GO quatro escolas estaduais localizadas em bairros diferentes e distantes uma das outras. Duas delas estão sediadas na área central do município. As outras duas estão posicionadas em bairros mais periféricos. Um fato que nos chamou a atenção foi a “notoriedade” dessas escolas no contexto de outras unidades de ensino públicas municipais. A comunidade pirenopolina conta que estudaram e que possuem, ainda, membros da família ainda estudando nessas escolas ditas “tradicionais” da cidade, as quatro escolas estaduais.

São essas quatro escolas que agregam a maior parte do público estudantil da cidade e a elas auferem valor e prestígio. A qualidade de ensino é o principal fator de atração dessas escolas, de acordo com os moradores do município. A aprovação do sistema de ensino que é aplicado nessas escolas é constantemente manifesto por pais e alunos que valorizam tais escolas por seus “dotes” institucionais. Situação adversa e contrária em outros municípios próximos à Pirenópolis e comumente encontrada em outras tantas cidades goianas, a desvalorização do ensino público.

Numa análise de menor escala e com o olhar voltado ao ensino de Geografia nessas escolas, observamos durante o estágio supervisionado e prática na docência alguns elementos de valor para uma análise e reflexão mais acurada:

- A distância qualitativa no ensino da disciplina em relação ao que era oferecido há duas décadas. Mesmo com alta procura por essas escolas, notamos que falta Professores com formação específica na Geografia.

Sabemos que essa “ausência de profissionais qualificados” exclui muitas possibilidades no âmbito do ensino e aprendizagem geográfica. Por certo que a falta da formação acadêmica desvaloriza o ensino e deixa à deriva elementos importantes que são “ensinados” de forma superficial e pouco amparados nos pressupostos teóricos e metodológicos do saber ensinar Geografia apreendidos na Universidade.

É sabido que a ciência geográfica possui uma força muito grande no que tange a formação cidadã e de caráter do sujeito que o acompanhará por toda a vida. Valores, sentimentos, responsabilidade socioambiental e tantos outros fatores são entretecidos quando da formação acadêmica do professor de geografia. A Geografia, por sua vez, nos alimenta, sustenta e nos dá direcionamento pra vida e para o exercício profissional com equidade e senso crítico.

- A baixa disponibilidade de curso de graduação em licenciatura e bacharelado em Geografia atinge o município e região com essa dura realidade, ausência de profissional com formação específica. Acreditamos que os cursos de formação de professores – as licenciaturas – são de fundamental importância no interior do estado quanto na sua área central, capital e região metropolitana.

[No entanto, em Pirenópolis, mesmo existindo uma campus acadêmico da Universidade Estadual de Goiás – UEG – não é oferecido o Curso de Geografia. Essa lacuna na formação de professores no interior do estado tem sido um forte motivo da falta de profissionais na docência nas escolas tradicionais da cidade.

Existem sim alguns cursos que qualificam na área da educação, mas ainda estão distantes do que deveria ser “básico e fundamental” na formação docente, a integral formação acadêmica por área do conhecimento.

- As aulas de Geografia assistidas durante o estágio no tocante as metodologias utilizadas, quando muito, são ministração de vídeos, slides em data show e outras mídias que em muito contribuem para o aprendizado eficiente da Geografia e de outras disciplinas, porém com uso insuficiente nas escolas.

Entendemos que a Geografia é uma das principais disciplinas que necessita de instrumentos variados de ensino para sua efetiva realização.

[...] Ao longo da historia humana, olhado o planeta como um todo ou observado através dos continentes e países, o espaço geográfico sempre foi objeto de uma compartimentação. No começo havia ilhas de ocupação devido a presença de grupos, tribos, nações, cujos espaços de vida formariam verdadeiros arquipélagos. (SANTOS, 2013 p.80-81)

Como ensinar sobre espaço micro e macro, local e global, dimensão espacial sem auxílio de mapas digitais ou impressos, laboratório de informática, Internet, globo terrestre e outras técnicas que instrumentalizam o professor no seu ofício de ensinar Geografia e sobre o espaço que vivemos?

Sob esse fazer crítico e criterioso que os professores devem encarar as suas aulas. Uma metodologia que amplie a visão de mundo e que abra outras possibilidades e paradigmas para o aluno se “localizar e se sentir” parte desse espaço geográfico. Faz-se necessário um aparato técnico que possibilite ver o SUJEITO e não apenas um OBJETO que está no mundo, mas que transforma e é modificado pelo meio em que vive.

E, mais ainda, a Geografia pode ser, em boa medida, utilizada para a formação integral do sujeito – aluno – num espaço, mesmo que escolar, que o faça sentir e ter compromisso com a sociedade no seu tempo de vida e a preocupação com a geração futura. Algo mais que faça a diferença sobre a compreensão de espaço, onde vivemos, moramos, nos alimentamos e sobrevivemos na construção de uma vida digna e saudável com o meio.

## Conclusão

A Geografia e o saber geográfico constituem ferramenta para o fazer cidadão e sujeito que transforma e complementa o mundo, o espaço e o lugar em que vive. Precisamos dar mais importância ao ensino de Geografia nas escolas para que aconteça sua função social: ensinar sobre questões espaciais e humanas para transformar o espaço geográfico com responsabilidade e equidade.

Para tanto, acreditamos na formação do professor enquanto fator *sine qua non* para o exercício do magistério. Nós geógrafos e professores de Geografia trazemos conosco essa responsabilidade: transmitir *para nossos alunos a responsabilidade social, espacial e ambiental – a preocupação com o meio e o espaço geográfico que por nós é constantemente (re)construído e transformado.*

A ausência do professor – geógrafo deixa um hiato na educação integral dos jovens de hoje e o adulto de amanhã. O profissional da Geografia contribui para a compreensão dessa realidade contemporânea que é voltada por tecnologias e um comportamento

inadequado aos tempos em que vivemos, mas mesmo assim nos geógrafos lutamos para construir um futuro diferente e mais humano.

Ainda vemos a escola de hoje como produto, controlada pelo Estado, alienada pelo capital, frutos de uma globalização perversa (SANTOS, 2013) em que o capital comanda e gere as formas de continuação da vida nos espaços do local ao global. E nesse processo de globalização, incluindo as pessoas que vivem nesse sistema “cabuloso”, há uma esquizofrenia das cidades, acabando com a liberdade adquirida com lutas e embates já vividos e pensávamos já vencidos por tantos que nos antecederam.

Somos profissionais qualificados para o ensino e para a transformação social. Que o façamos com preparo, estudo e prática cotidiana que nos qualifique como “exemplos” a ser seguido e apreendido pelo fazer docente.

Finalmente, as Escolas Estaduais de Pirenópolis e a formação de professores dentro destas escolas que comportam a maioria dos alunos da cidade, ainda com defasagem em muitas áreas, principalmente na formação do professor de geografia. No entanto, as dificuldades e empecilhos não podem afastar a responsabilidade inerente ao professor: o fazer docente responsável e consciente.

## Referências

Santos, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal** – 23º ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Lopreato, Roquette, S. C. Relato de uma experiência de pesquisa. In: Sposito, Beltrão, E. M. (org.). **Livros Didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa**. Ed. Cultura Acadêmica: São Paulo, 2006.

Niskier, Arnaldo; Nathanael, Paulo. **Educação, estágio e trabalho**: São Paulo: Integrare Editora, 2006.